

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E AS INFERÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

JESUIT EDUCATION AND ITS INFLUENCES IN BRAZILIAN EDUCATION

Recebido em: 27/11/2024
Aceito em 05/12/2024

*Adalgisa da Silva Pacheco*¹
*Sheila Fabiana de Quadros*²

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa busca analisar, respectivamente, a pedagogia como artesã quanto à visão de mundo do indivíduo, bem como sua visão histórica, e conseqüentemente, sua disposição na sociedade; analisar acerca dos conteúdos pragmáticos que eram trabalhados no período colonial Brasileiro, bem como suas metodologias – esta que, mesmo sem nenhuma “pretensão” aparente, ajuda na formação de ideias e ideais quando vistas à longo prazo e somadas a ideologias pedagógicas atuantes no período. Por fim, este texto busca, através de todas as premissas analisadas, entender de um ponto de vista crítico, como o começo da educação aos moldes metodológicos jesuítas impactaram a visão histórica que a educação contemporânea exprime. Dessa forma, através de uma metodologia qualitativa, no que tange a expansão da influência jesuíta em sua historicidade; e qualitativa quanto à análise da história, metodologia e currículo jesuíta. A análise busca fazer um recorte dessa pedagogia aplicada no período de colonização brasileira, para pontuar os traços desta nas políticas educacionais nos demais períodos da história educacional que as seguiram.

Palavras-chave: História da Educação. Jesuítas. Pedagogia. Trabalho Pedagógico. Influências.

ABSTRACT

This research paper seeks to analyze, respectively, pedagogy as an artisan in terms of the individual's worldview, as well as their historical view, and consequently, their disposition in society; to analyze the pragmatic contents that were worked on in the Brazilian colonial period, as well as their methodologies - which, even without any apparent “pretension”, help in the formation of ideas and ideals when seen in the long term and added to pedagogical ideologies active in the period. Finally, this text seeks, through all the premises analyzed, to understand from a critical point of view, how the beginning of education according to Jesuit methodological models impacted the historical vision that contemporary education expresses. Thus, through a qualitative methodology, regarding the expansion of Jesuit influence in its historicity; and qualitative regarding the analysis of Jesuit history, methodology and curriculum. The analysis seeks to make a section of this pedagogy applied during the period of Brazilian colonization, in order to highlight its features in educational policies in other periods of educational history that followed.

Keywords: History of Education. Jesuits. Pedagogy. Pedagogical Work. Influences.

1 Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/Unicentro, Modalidade à distância.

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Câmpus Universitário de Irati-PR, Departamento de Pedagogia. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores (GForP) da UFMS-CPTL.

INTRODUÇÃO

Estabelecer uma relação entre os aspectos ideológicos presentes na educação jesuítica e as questões ideológicas presentes no currículo escolar hoje, é uma tarefa difícil. Demandaria uma pesquisa grande e muito detalhada em cada período histórico. A problemática é a seguinte: o que sobrevive nesses quinhentos anos de educação no Brasil? O que ainda vive em nosso presente escolar e que tem alguma relação com a educação jesuítica? Não é fácil construir uma resposta a essa questão. Talvez uma coisa que tenha sobrevivido seja os aspectos religiosos e moralizantes, mas mesmo assim precisaria ser feito uma análise cuidados desses elementos religiosos. Diante disto, o trabalho se justifica pela própria história em si que nos faz olhar o passado para refletir sobre o futuro.

O objetivo geral do trabalho é verificar a influência religiosa na Pedagogia diante a catequização indígena no Brasil. Portanto, para isso, os objetivos específicos são verificar a história da religião católica e sua ligação com a educação e quem foram seus pensadores, além de repassar o estudo aprofundado sobre a história da Igreja no primeiro estado, e alguns aspectos do segundo estado, conforme estudos de Guizot, com o intuito de compreender a Igreja como instituição de ensino, afim de compreender o processo educacional no Brasil colônia.

A EDUCAÇÃO COLONIAL E SUAS INTERFACES NA CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Diante do exposto, existe uma relação entre religião e educação. No Brasil, especificamente, esta se iniciou com a vinda dos jesuítas para a catequização dos indígenas. Assim, a pedagogia em sua essência é composta por premissas filosóficas, processos socioculturais e também de concepções psicológicas sobre os educandos. Dessa forma, também conta com a força de influência da organização e direcionamento que os processos exercem na estrutura pedagógica.

Segundo a teoria da abordagem comportamentalista, “o comportamentalismo parte do princípio de que as ações e as habilidades dos indivíduos são determinadas por suas relações com o meio em que se encontram” (Fontana; Cruz, 1997, p. 24). Nesse ponto de vista, entende-se que, o ambiente altera tanto as expressões faciais, como ações e movimentos, em uma relação de ação e resposta exteriores. Assim, a teoria comportamentalista se funde à aprendizagem à medida em que a preocupação central são estímulos e a criação de respostas das crianças a determinados estímulos positivos e negativos.

Essas respostas são chamadas de “reforçadores”, que modelam comportamentos e se tornam responsáveis pela criação dos hábitos, permitindo prever ou controlar o comportamento do indivíduo. Assim, todo planejamento e organização contidas na prática de ensinar, são elaboradas em cima dos objetivos que se pretende alcançar, segundo Fontana e Cruz (1997, p. 31), “para a organização das sequências de atividades e para a definição dos reforçadores a serem estimulados (elogios, notas, pontos positivos, prêmios, etc)”.

Vygotsky propunha que a criança nasce em um meio em que já fora modificado por quem a precedeu, e ao longo de suas vivências se apropria da cultura e posteriormente, a transforma produzindo cultura. Dessa forma, podemos perceber a importância do outro nos processos de desenvolvimentos interiores à medida que a história individual altera a história coletiva. Diante dessa perspectiva, faz-se interessante pensar em como as práticas metodológicas Jesuítas moldaram e modificaram o olhar da educação para a história;

tendo em vista que todo ser humano é político quando se vive em sociedade (Lima, 2011).

A palavra “Colonização” significa, resumidamente, transformar algo; apropriar-se; povoar e explorar terras. Em vista à colonização Brasileira iniciada em 1549 – ano em que o Governo Geral já estava em vigor na colônia, sob comando de Tomé de Souza, pode-se perceber o intuito pontual e conciso no que se refere à dominação do espaço e da cultura que existia no Brasil (Paiva, 1984). O processo de posse da colônia começou com a exploração da terra, e logo em seguida foi alvo de um projeto pensado para desenvolver uma unidade política do estado junto à igreja – que estava abalada devido à perda de poder causada pela reforma protestante, e as novas instituições religiosas que estavam em ascensão, inclusive a nova classe social chamada de burguesia (Lima, 2011).

Além disso, Portugal que não era um estado industrializado e dependia do sucesso da colônia, se via pressionado a manter seu poder estabilizado, tendo em vista o novo modelo de mercado capitalista chamado de Mercantilismo proporcionado pelo descobrimento do Novo Mundo. Tendo em vista esse cenário, a igreja precisava se configurar como um pilar da estrutura social. Assim, a aculturação destes povos passou a ser um projeto pensado pela igreja, e executado por uma metrópole absolutista e hierarquizada, mostrando seu interesse singular no modelo educativo, o qual visava a uniformização e a formação piramidal da sociedade brasileira colonial.

Segundo Franca (1952), o projeto educacional era visto como degrau para a renovação da fé cristã. Assim, para entender a bagagem que a educação no tempo presente carrega, precisamos saber o que foi e como foi instituído esse projeto intitulado Companhia de Jesus, que posteriormente, fora sistematizado astutamente por meio do que foi chamado de *Ratio Studiorum* – o nome dado ao currículo de disciplinas e metodologias aplicado em todas as escolas e colégios da Ordem. Contudo, ainda que a Companhia de Jesus tenha sido “um instrumento de trabalho de primeira necessidade e de incontestáveis vantagens”.

Bem como demonstrou Varhagen (1840), em seu livro “O descobrimento do Brasil”, no qual defende a colonização, tendo-a como um fator de união dos povos pelos representantes do avanço: o homem branco que veio trazer luz à escuridão de um povo selvagem; homens-feras, brutais e sem decoro. Contudo, para outros, no que concerne à posição dos religiosos frente a escravidão; estupros; posse de terra, promoção de guerras entre as tribos, e aculturação dos povos, teriam sido favoráveis à escravidão destes. Assim, aos que não aceitassem a verdadeira e única fé cristã, era considerado plausível a escravidão e exploração lícitas. Este fato se torna relevante a partir do momento em que temos em vista que um índio catequisado é um índio pacífico; dominado; passível de colonização. Esse conceito foi chamado de Guerra Justa; assim, muitos nativos que aceitavam a conversão trabalhavam nas “missões jesuíticas” catequizando outros nativos.

Assim sendo, é diante deste cenário, no qual se atente acerca da posição dessa aristocracia clerical, que se tenha em vista as raízes ideológicas contidas na pedagogia jesuíta, bem como a bagagem empenhada no tempo presente.

A HISTORICIDADE DA COMPANHIA DE JESUS

Fundada no século XVI, aproximadamente em 1534 em Paris por Santo Inácio de Loyola, a Ordem Jesuítica tinha como missão evangelizar e catequizar a fim de formar novos membros para o cristianismo, através de missões ordenadas pelo papa. Denominadas como colégios, as primeiras instituições jesuítas ministravam suas aulas em residências, e

visavam a instrução de alunos potenciais à jesuítas – soldados de Cristo (Casimiro, 2004).

Nasceu em meio a Reforma Protestante, expansão geográfica, descoberta e abertura de novas pontes comerciais na América e na Ásia, além do avanço na área da ciência e letras (Ghiraldelli Jr., 2015). A instituição Companhia de Jesus foi aprovada oficialmente em 1540 pelo Papa Paulo III. Não foi cobiçada em primeiro momento por Inácio de Loyola, mas após ter trabalhado em conjunto com vários religiosos em missões educativas diversas, catequisando povos nativos, as atividades educativas se tornaram sua principal tarefa (Negrão, 2000). Nesse contexto, para a formação integral do homem cristão, os Jesuítas atuaram em três frentes: defesa e promoção da fé cristã; propagação da fé nos territórios coloniais e a educação de jovens.

O primeiro colégio aberto foi em 1543 em Goa (país), contudo só haviam aulas de gramática. Foi em agosto de 1548 a pedido do então vice-rei de Messina (país) que Inácio fundou o primeiro colégio plenamente organizado pela Companhia; este contava com aulas de hebraico, retórica, grego, lógica, e gramática. Nessa ótica, vale ressaltar que a comunidade docente da instituição era em sua maioria cosmopolitas religiosos de diversos países: Espanha, Itália, França e Alemanha. Em 1548 e no ano seguinte a quantidade de alunos viria a duplicar; em 1549 foi fundado um colégio em Palermo abrangendo 160 alunos (Casimiro, 2004).

Nesse sentido, a fim de se organizar a estrutura teórico-metodológico, em 1551 foi redigido um plano de estudos estratégicos chamado de "*mos ratio Colegii Romani*" - este que mais tarde, em sua estrutura completa e definitiva, passa a se chamar *Ratio Studiorum* -, foi enviado à Roma que fora escolhido por Inácio para ser exemplo as outras instituições pelo mundo. Assim, como explica Franca (1952), acerca dos motivos para Paris ser considerada a melhor escolha para sede da instituição:

Nenhum lugar mais indicado para a realização deste desígnio que a Cidade Eterna, centro da cristandade, residência das autoridades supremas da Ordem, ponto de influência de bispos e príncipes, de homens de autoridade e homens de doutrina do mundo civilizado. (Franca, 1952, p.13)

Assim, esta, além de servir de exemplo de ensino, seria a responsável pela educação em nível superior e os prepararia, sob os melhores métodos, para atuarem dentre os melhores professores. Tendo em vista que, O *Ratio Studiorum* era um curso básico de humanidades, teologia e filosofia, que terminaria com uma finalização dos estudos na Europa (Franca, 1952).

No que se refere à construção e propagação, se destaca o nome de Jerónimo Nadal, que teve grande participação na uniformização e abrangência do modelo de ensino principalmente em Portugal, Espanha e Alemanha. Mas sobretudo, Ledesma, que desde 1557 atuou no Colégio Romano como professor e diretor, e sublinhava a importância da elaboração do Ratio. Visando construir um conjunto de normas para somar à até então estrutura do Ratio, Ledesma desenvolve o *De ratione et ordine Studiorum Collegii Romani*, que traduzido significa "A Rotina e Ordem dos Estudos do Colégio Romano"; esta que foi considerada a obra individual de maior contribuição para a estrutura definitiva do Ratio. O *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu* -, desenvolvido sob a direção do Geral da Ordem, P. Acquaviva.

Sobre a rápida expansão Franca (1952) explicita que “Os colégios se multiplicavam em número e avultavam em importância. Muitos dentre eles, no curto prazo de poucos anos, tornavam-se os centros de cultura humanista mais reputados da cidade ou da região.” Como se pode observar na Tabela 1:

Tabela 1: Expansão dos colégios jesuítas

Ano	País	Número de alunos	Número de professores
1553	Roma	750	De 43 para 218
1549	Messina	160	-
1551	Todos	300	-
1561	Todos	750	-
1556	França	500	-
1559	França	800	-
1563	França	1.600	-
1561	Todos	1.000	-
1581	Mogúncia	700	-
1581	Paris	1200	-
1586	Paris	1500	-
1587	Todos	2.000	-
1588	Portugal	2.000	-

Fonte: Franca, (1952) elaborado pelos autores (2024).

Dessa forma, em 1556, quando da morte de Santo Inácio, o criador da companhia, haviam em torno de 40 colégios espalhados por: Itália, Espanha, Áustria, Boêmia, França e Portugal. No final do século XVI o número de colégios era de aproximadamente 300. E ao falecer Claudio Aquaviva. – Jesuíta Italiano; professor, diretor e General da Ordem Jesuíta, foi um importante nome na progressão da síntese renascentista-medieval-, eram 373.

No Brasil, a educação ficou sob monopólio jesuíta durante aproximadamente duzentos anos, durante esse tempo foram fundados diversos colégios visando a formação de novos padres a partir da população local – os indígenas. Conhecidos por sua atuação célebre no que tange o desenvolvimento da estrutura educacional, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. Estes trabalharam com a instrução e catequização dos povos nativos. Aqui, Manoel da Nóbrega foi responsável pela fundação do Colégio São Paulo de Piratininga, em 25 de janeiro de 1554; criação de um plano de estudos adaptado, a famosa “escola de ler e escrever” no ensino de base, e sobretudo, a adoção do sistema de ensino Ratio Studiorum. Do mesmo modo, José de Anchieta atuou em conjunto na fundação do colégio São Paulo. Nesse ínterim deixou sua notável e marcante contribuição intelectual no ensino e nas Letras.

Mas acredita-se que, em certo sentido, Anchieta deve ser entendido como uma manifestação de cultura medieval no Brasil. E medieval não somente pelo seu comportamento. Ao realizar uma poesia simples, de timbre didático, porém medieval também pela sua forma poética, seus ritmos, sua métrica. (Portella, 2005, p. 12)

Ainda sob o olhar de Portella (2005), José de Anchieta detinha grande necessidade catequizante, portanto se mantinha empenhado na integração de elementos didáticos reli-

giosos à elaboração da estrutura educacional.

PRÁTICAS JESUÍTICAS: CONTEÚDO E METODOLOGIAS

Durante o predomínio jesuíta, o aluno em sua grade escolar passava pelo letramento e aprendizagem da doutrina cristã, terminada esta fase, o aluno ingressava no estudo da música, podendo contemplar sua formação com uma especialização em gramática ou até mesmo na agricultura – cursos que eram oferecidos na Europa. Nessa ótica os “colégios jesuítas tiveram grande influência sobre a sociedade e sobre a elite brasileira”, e “suficientes para gerar uma relação de respeito entre os que eram donos das terras e os que eram os donos das almas” (Ghiraldelli Jr., 2015, p.30).

No que tange as tendências pedagógicas, o plano de estudos abrange, desde questões na estrutura administrativa, como por exemplo, a incumbência de profissional da estrutura: do Reitor, do Prefeito de Estudos, dos professores de modo geral; distribuição de prêmios; delimita regras no processo didático “através dos métodos da: preleção, erudição, memorização, repetição, composição e emulação seguida de prêmios.” (Negrão, 2000, p. 2), bem como o posicionamento do professor, fazendo com que predominasse o ensino do tipo escolástico, clássico do século XVI.

Ainda sobre a didática, o ensino jesuíta se baseava no Concílio de Latrão, aproximadamente no século XII – que estabeleceu que determinados assuntos são apenas de autoridade da Igreja, dessa forma, quando algum aluno ou mesmo professor questionava algum assunto, principalmente de cunho espiritual ou contra a fé, eram refutados com embasamento no Concílio de Latrão.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CATEQUESE COMO MEIO DE DOCTRINAÇÃO

Os traços de pedagogias doutrinárias são evidentes quando se atenta às referências usadas para o desenvolvimento e escolhas teórico-metodológicas. A prática da catequese como ordenação de estudos normatiza o mesmo como exclusivamente voltado para as virtudes teológicas, utilizando como práticas: orações, jejum e estudo dos sacramentos. Assim como explicitado acima, todas as questões que refutavam a visão teológica, monopolizada pela ordem religiosa, eram rebatidas como unicamente questões da igreja; fato que reforça a visão unilateral da educação jesuíta.

No que tange a formação de professores não era diferente, segundo Peri Mesquita – doutora em Ciências da Educação pela Université de Genève, Suíça, “Na Companhia de Jesus tudo era baseado em regras, disciplina, ordem, e o Ratio apontava constantemente para a observância das normas de uma prática pedagógica eficiente, tanto na formação de professores quanto na sua ação docente.” Exprime ainda que o Ratio era composto por padrões que regiam todos os ordenamentos da estrutura educacional:

Regras do Provincial; Regras do Reitor; Regras do Prefeito (de Estudos Superiores); Regras Comuns a todos os Professores de Faculdades Superiores; Regras Particulares dos Professores de Faculdades Superiores (Professor de Escrita, Professor de Hebreu, Professor de Teologia, Professor de Casos de Consciência ou Teologia Moral); Regras dos Professores de Filosofia (Professor de Filosofia, Professor de Filosofia Moral, Professor de Matemática); Regras do Prefeito de Estudos Inferiores; Regras dos Exames Escritos e Prêmios; Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores; Regras

Particulares dos Professores das Classes Inferiores (Professor de Retórica, Professor de Humanidades, Professor de Gramática Superior, Professor de Gramática Média, Professor de Gramática Inferior); Regras dos Estudantes da Companhia; Regras dos que Repetem a Teologia; Regras do Bedel; Regras dos Estudantes Externos; Regras das Academias; Regras do Prefeito (Academia de Teologia e Filosofia); Regras do Prefeito desta Academia (Academia de Retórica e Humanidades, Academia dos Gramáticos, Ordenação para os Estudos Superiores) (Ratio Studiorum, 1559/1870) (Mesquida, 2013, p. 1).

Nesse contexto, a necessidade de estruturação de uma unidade cristã formada por novos membros fez com que a igreja se esforçasse, juntamente com o Estado, para o desenvolvimento da educação no Brasil, tanto dos filhos da elite, quanto dos mestiços e nativos. Dessa forma, a educação “dominava” o nativo a medida em que ele se convertia e aceitava religião cristã como única. Para tal, não foram medidos esforços: padres da Ordem aprendiam o idioma nativo, a gratuidade do ensino abrangia todas as dimensões na estrutura social, novos padres foram se formando e o poder se concentrando no clero. Dessa forma, a doutrina se enraizava na sociedade de modo que, em certo tempo, a igreja detinha monopólio das ações, bens e vida pessoal dos “fiéis” (Ghiraldelli Jr., 2015).

Este período nada difere aos demais que o sucederam, onde se evidencia o forte monopólio da igreja sobre a sociedade. Contudo, no que se refere à colonização no Brasil, a catequização, mesmo com dois lados da moeda, foi chave mestra para o sucesso do processo colonizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se constitui notável a importância de estudarmos o passado com a finalidade de entender o presente, para modificar o futuro. A Igreja exerceu um papel fundamental nesse sentido. Desde seus primórdios quando ainda não se consistia uma instituição, os pensamentos cristãos orientavam em relação a mudança do indivíduo, visando a convivência mediante o bem comum da sociedade.

Por meio da abordagem do primeiro e início do segundo período da Igreja descritos no texto de François Guizot, a contextualização dos acontecimentos possibilita compreendermos a influência do surgimento do cristianismo, as transformações proporcionadas por meio dele e as controversas estabelecidas no Império Romano. As análises apresentadas estabelecem relações entre episódios desse período com fatos decorrentes nos dias de hoje, as fontes secundárias ressaltam como se estabelecem essenciais buscar o embrião do objeto de estudo. Assim como Guizot estuda a Igreja com o anseio de estabelecer a origem da sociedade francesa, abordando o modo pelo qual a Igreja conseguiu despertar interesses comum entre seus seguidores; e como Durkheim estuda a Igreja em busca de encontrar a origem das escolas, em relação ao sistema de ensino utilizados para que seus adeptos adquirissem conhecimento. Nos remetemos a esse período para demonstrar a Igreja como propulsora na formação do indivíduo.

A Igreja primitiva se caracteriza como um segmento social, que se molda como uma instituição educacional. O texto de São Jerônimo discorre a respeito da educação feminina, no entanto não se aprende apenas nisso, se consistiu na conduta do indivíduo ressaltando sobre tudo a importância do estudo; a análise referente a Santo Agostinho aborda a ação educadora designada aos discípulos da Igreja.

É inegável, portanto, a imensa contribuição jesuíta para com o desenvolvimento da sociedade e sua relação com a cultura e ética, que a seu modo, proporcionaram os primeiros estímulos às instituições educacionais. Principalmente quando se observa o estado interferindo no processo educacional à medida que ele sistematiza as metodologias, define um currículo e objetivos a serem cumpridos. O exemplo disso está à disposição de todo o planejamento e estratégia para gestão escolar, que vai desde as condições institucionais, administrativas e técnicas – estrutura que sistematiza e proporciona a execução da avaliação no processo de ensino. Do mesmo modo, está o Projeto Político Pedagógico (PPP) de dimensão social-política.

Outra característica jesuíta enraizada na escola contemporânea são os diversos modos com que a história pode ser vista. Ou seja, no ensino público ao privado, cada material didático consiste em um material ideológico diferente. Que, do mesmo modo, introduz ou modifica a visão histórica. Portanto, ao se pensar a partir deste viés, pode-se perceber que, em todos os âmbitos da estrutura educacional, tanto social como política mostra-se enraizada em um modelo comportamentalista – no qual o indivíduo é modificado pelo ambiente, e este se torna ator modificador da estrutura social. Ou seja, as raízes ideológicas que nos compõe nos transformam em modificadores sociais.

Nesse ponto de vista, acerca da importância da educação cada modificação da sociedade, vários países que tiveram tendências tradicionalistas tiveram seu currículo educacional tradicionalista. Isso mostra a educação como chave para o andamento da história. Exemplo disto é o período ditatorial ocorrido no Brasil em 1964, onde professores e toda área acadêmica sofreram ataques e perseguições vindos de uma estrutura política conservadora que modificou e privatizou a educação nesse período. Portanto, nota-se que a educação se torna um assunto extremamente amplo, quando se tem em vista que ela tem poder de modificar toda uma sociedade, e o caminho pedagógico da história.

REFERÊNCIAS

BETTERSON, H. **Documentos da igreja cristã**. 1 ed. São Paulo: Aste, 2001.

BÍBLIA, Português. **A bíblia sagrada**: Antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAIRNS, E. F. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da igreja cristã. 24ª ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, [S.D]. p.132-136.

CARAMURU, A. F. A igreja e sua função pedagógica. **Âncora**, ano 12, v. XI, ago. 2017. Disponível em: <revistaancora.com.br/revista_11/07%20-%20Francisco.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2021.

CASIMIRO, A. P. B. S. **Elementos fundamentais da pedagogia jesuítica**. Bahia: Educação em Questão, 2004.

CERVO, A. L. et al. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CURTIS, A. K.; LANG, I. S.; PETERSEN, R. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: Do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. 1ª ed. São Paulo: Editora vida, 2003. p.35-72.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 17. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

FONTANA, R.; CRUZ, M. N. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

- FRANCA, L. **O método pedagógico dos jesuítas: o ratio studiorum**. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 1952.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GHIRALDELLI JR., P. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2015.
- LAUAND, J. L. **Agostinho: dois sermões**. Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIMA, A. L. S. **A Companhia de Jesus e o Desafio da Catequização do Gentio: uma dupla batalha contra os costumes indígenas e a exploração imposta pelos colonizadores portugueses**. Maringá: Congresso Internacional de História: 2011. Disponível em: <cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/293.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- MESQUIDA, P. **Catequizadores de índios, educadores de colonos, Soldados de Cristo: formação de professores e ação pedagógica dos jesuítas no Brasil, de 1549 a 1759, à luz do Ratio Studiorum**. Educ. rev., Curitiba, n. 48, p. 235-249, Junho, 2013. Disponível em: <scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- NEGRAO, A. M. M. O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”. **Revista Brasileira de Educação.**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 154-157, Aug. 2000. Disponível em: <scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200010>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- OLIVEIRA, M. K. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, nº 12, São Paulo: USP, 1999.
- PAIVA, J. M. **Colonização e catequese (1549-1600)**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- PEINADO, M. R. S. S.; OLIVEIRA, T. IN: SEMINÁRIO DE PESQUISA: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. 2008, Maringá. **Anais eletrônicos**, Maringá: UEM, 2008. Disponível em: <ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2008/pdf/c038.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- PORTELLA, E. **José de Anchieta**. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 2005.
- SÃO JERÔNIMO. **Antigo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2007.
- VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.